

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ÓLEO DE SOJA POR PORTOS DE EMBARQUE E ESTADOS DE ORIGEM, 1996 A 2004¹

Marisa Zeferino Barbosa²
Luís Henrique Perez³

1 - INTRODUÇÃO

O óleo de soja é o segundo mais comercializado, dentre os óleos vegetais, no mercado mundial ao representar 23,5% das quantidades exportadas em 2003/04, depois do óleo de palma (55,6%), segundo Oilseeds (2005). A ampla aceitação mundial do óleo de soja para fins comestíveis decorre da oferta abundante e confiável, do preço competitivo e da melhoria do produto com relação ao sabor e às suas aplicações, inclusive na forma hidrogenada, conforme relatam Bastin et al. (1990).

Segundo Magalhães (1998), o principal fator para a hegemonia da soja no mercado mundial de oleaginosas não decorre do desenvolvimento do mercado de óleos vegetais em si, mas do crescimento do mercado de farelo de soja a partir do pós-guerra, em especial nos países desenvolvidos. Assim, a condição de subproduto da produção de farelo justifica a expansão do óleo de soja como fonte de gorduras vegetais no mercado mundial, complementa o autor.

Pereira (2004) atribui a expansão da produção e consumo mundiais de soja na última década à demanda, tanto via conversão da proteína vegetal em animal, basicamente através da produção avícola, quanto em função do crescimento do consumo de óleo, ambos proporcionados, em boa parte, pelo crescimento econômico no continente asiático.

O Brasil é o segundo maior produtor de óleo de soja, com 18,8%, e responde por 30,3% das exportações mundiais, ocupando, também, a segunda colocação nas vendas do derivado ao exterior, não obstante destinar a maior parcela da

produção ao mercado interno. Os Estados Unidos são os maiores produtores, ao responderem por 26% do total, mas com pouca participação no mercado internacional, em virtude do elevado consumo interno. Na Argentina, o predomínio do óleo de girassol no mercado doméstico e o perfil exportador da agroindústria da soja justificam a liderança do país nas exportações do derivado, com 49% do total, ainda que responda pela menor parcela na produção (15%) (OILSEEDS, 2005).

As exportações da cadeia produtiva da soja ultrapassaram os US\$10 bilhões, proporcionando um saldo de US\$9,9 bilhões, ou seja, 29,5% do saldo comercial total alcançado pelo Brasil em 2004. As exportações brasileiras de óleo de soja atingiram US\$1,4 bilhão, em 2004, colaborando com 4% no total do saldo da balança comercial, justificando o presente estudo (VICENTE et al., 2004).

Este trabalho tem como objetivo central analisar a evolução dessas exportações, no período 1996 a 2004, de acordo com os portos de saída, países de destino e estados de origem, complementando o estudo da cadeia produtiva da soja, que envolveu grãos e farelo em trabalhos anteriores⁴.

2 - MATERIAL E MÉTODOS

Para analisar as exportações brasileiras de óleo de soja no período 1996 a 2004, foram utilizadas séries de dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX, 1996-2005). Adotaram-se as posições 1507.10.00 (óleo bruto) a 1507.90.90 (refinados) da Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM) como critério de classificação do óleo de soja.

¹Registrado no CCTC, IE-83/2005.

²Economista, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

³Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

⁴Perez; Barbosa (2005) e Barbosa; Perez (2005).

Utilizaram-se as séries de peso líquido (kg) e valores (US\$), convertidas, respectivamente, para mil toneladas e milhão de dólares.

Na análise da evolução das exportações do Brasil para os principais países de destino, foram destacados, inicialmente, os países que importaram mais de 2% do valor total do óleo de soja brasileira enviado ao exterior em 2004 (87,1% do total) e, a seguir, para os países que ultrapassaram 4% (71,1% do total). Foram destacados os estados de origem cuja participação no valor total exportado foi igual ou superior a 2,0% (97,3% do total).

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A produção brasileira de óleo de soja saltou de 3,56 milhões de toneladas, em 1997/98, para 5,35 milhões de toneladas em 2003/04, com discretas reduções verificadas apenas entre 1999/2000 e 2000/01 (ABIOVE, 2005a).

O consumo doméstico de óleo de soja apresentou-se relativamente estável, a par do pico observado em 2000/01, mas sem sustentação nos anos seguintes. Assim, de 1997/98 a 2003/04 passou de 2,68 para 2,96 milhões de toneladas, ou seja, com crescimento da ordem de 10,4%, bastante aquém da evolução da produção (50,3%) (ABIOVE, 2005a). Acerca do comportamento da demanda nacional de óleo de soja, estudo realizado por Freitas; Ferreira; Tsunehiro (1998) constatou declínio da participação do produto no segmento varejista em favor dos óleos especiais, principalmente de girassol, entre 1993 e 1996, em função do aumento do poder aquisitivo da população, advindo do Plano Real e da redução do diferencial de preço entre esses dois óleos. Também, corrobora para a consideração da moderada evolução da demanda desse derivado no Brasil a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), realizada pelo IBGE (1974-2003), que mostra o declínio na quantidade anual *per capita* de óleo de soja adquirida para consumo no domicílio, de 8,8kg em 1987-88 para 6,9kg em 1995/96 e de 5,9kg em 2002/03.

Ainda que o suprimento brasileiro de óleo de soja seja caracterizado pelo predomínio do mercado doméstico em relação às exportações, observa-se, ao longo do período 1997/98 a 2003/04, queda de 75,4% para 55,4% na parcela da produção destinada ao consumo interno e

conseqüente crescimento da fração destinada à exportação entre os anos extremos. Ressalte-se que tais comportamentos vigoraram por quase todo o período analisado, com exceção de 1999/2000 e 2000/01 quando a parcela consumida internamente apresentou aumento de 68,1% para 73,3%, em função da queda nas exportações do produto, conforme dados de ABIOVE (2005a). Além disso, ao se considerar que em 1991/92, o País exportou 16% da produção de óleo de soja, alcançando 24,5% nos dois anos seguintes, conforme relatado por Freitas; Barbosa; Franca (2000), tem-se a magnitude das transformações por que passaram os itens da demanda do derivado no País.

3.1 - Processamento e Exportações de Soja e Derivados

A capacidade instalada de processamento de oleaginosas no Brasil apresentou crescimento contínuo entre 2001 e 2004, ao passar de 107.950t/dia para 131.768t/dia, considerando-se as plantas ativas e inativas⁵. Na Região Sul localizava-se a maior parcela (42,2%) da capacidade de processamento de oleaginosas do País em 2004 (Paraná, com 24,1%; Rio Grande do Sul, com 15%; e Santa Catarina, com 3,1%). A Região Centro-Oeste situava-se em segundo lugar, com 33,9% do total, distribuídos em Mato Grosso (15,6%), Goiás (12,8%) e Mato Grosso do Sul (5,5%). A Região Sudeste tinha 16,2% dessa capacidade, localizada em São Paulo (11,3%) e Minas Gerais (4,9%). A Região Nordeste possuía 6,2% do total (concentrados na Bahia, com 4,1%) e a Região Norte, representada pelo Amazonas (1,5%), completavam a capacidade total instalada no Brasil (ABIOVE, 2005b). Desse modo, verifica-se que a ampliação da capacidade instalada no País foi diferenciada regionalmente em face do crescimento verificado na Região Centro-Oeste, o que contribuiu para a maior distribuição e, portanto, menor concentração da capacidade de processamento de oleaginosas no território nacional (BARBOSA e PEREZ, 2005).

A mais recente expansão do cultivo da oleaginosa no País garantiu o crescimento das

⁵Em virtude da não disponibilidade de dados desagregados entre plantas ativas e inativas, não foi possível realizar a análise sobre a localização da capacidade instalada inativa.

quantidades enviadas ao setor agroindustrial e, em consequência, a obtenção de farelo e óleo. No início do período, por um lado, foram processadas 18,9 milhões de toneladas de soja em grão, evoluindo para 22,8 milhões de toneladas em 2001/02, até alcançar 27,8 milhões de toneladas em 2003/04. Por outro, a proporção esmagamento/produção de soja em grão tem se mostrado decrescente, haja vista que em 1997/98 correspondia a 69,3%, em 2001/02 a 58,3% e em 2003/04 o equivalente a 53,6% (ABIOVE, 2005a).

Quanto à composição da pauta exportadora do complexo soja, verifica-se, também, queda na participação percentual do óleo e do farelo em favor do grão, ao longo dos últimos anos. Segundo Barbosa; Ferreira; Freitas (2000), o óleo, que chegou a representar 27,1% do valor da pauta do complexo em 1995, teve sua representatividade reduzida a 18,6% em 1999, enquanto a soja em grão teve sua participação nas exportações ampliada de 20,3% para 42,8% no período. Já, entre 2003 e 2004, conforme dados de Balança (2005), foi mantida essa tendência, com o derivado respondendo por 15,2% e 13,8%, respectivamente, do valor das exportações do complexo.

As reduções nas parcelas da produção do grão destinadas ao processamento no Brasil, bem como na representatividade dos derivados nas vendas externas do complexo, sugerem a averiguação dos fatores que influenciaram tais comportamentos. Nesse contexto se inserem fatores vinculados à demanda internacional da soja em grão e à estrutura tarifária/fiscal vigente no País, com reflexos sobre as relações entre os agentes da cadeia de produção da soja brasileira.

De acordo com estudo realizado por Pereira (2004) para o período 1993/94 a 2003/04, o aumento da demanda na China e sua política de importações, pautada na preferência pelo grão, aliada à estrutura fiscal brasileira - Lei Kandir - exerceram papel fundamental para o aumento das exportações brasileiras da matéria-prima. Ainda que as importações chinesas se apresentassem bem distribuídas entre os principais ofertantes, o crescimento mais acirrado das vendas do grão àquele mercado se deveu à maior disponibilidade do produto brasileiro, face ao aumento do consumo doméstico estadunidense⁶. No caso

da União Européia, grande demandadora de farelo, o autor destaca que o crescimento no consumo do derivado naquele mercado também contribuiu para a expansão das exportações brasileiras do grão, posto que todo o aumento verificado nas compras européias da matéria-prima no período foi atendido pelo Brasil.

O crescimento na demanda por farelo de soja na Europa decorreu principalmente da incidência da encefalopatia espongiforme bovina - doença da vaca louca - que exigiu maior utilização de proteína vegetal para a produção de rações em substituição às de origem animal. Por sua vez, o crescimento nas importações de soja em grão pode ser atribuído às modificações na Política Agrícola Comum (PAC) da União Européia, que reduziu em 38% os subsídios diretos pagos aos produtores locais, entre 1999/2000 e 2002/03, possibilitando maior acesso do produto importado àquele mercado (PERNAMBUCO, 2001).

A influência da estrutura tributária brasileira sobre as exportações de soja e derivados é associada às modificações trazidas pela Lei n. 87/96 - Lei Kandir -, que desonerou as vendas externas do Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Anteriormente, sobre as vendas externas de grão, farelo e óleo de soja havia a incidência diferenciada de 13%, 11% e 9%, respectivamente, de modo a compensar, em parte, a escalada tarifária das principais nações importadoras. Com o término dessa tributação, tornaram-se mais acentuadas as distorções tributárias implementadas pelos países importadores, resultando em aumento da atratividade do grão, além do acirramento da disputa pela matéria-prima entre as *tradings* e as indústrias brasileiras. Além disso, diante da manutenção da incidência internamente, a medida ampliou os problemas quanto aos créditos advindos das operações interestaduais, diante das dificuldades da indústria na obtenção de débitos equivalentes nas exportações quando adquire a soja em grão em outros Estados⁷. Tornava-se, assim, mais econômico, até mesmo para parte do setor industrial, exportar o grão ao invés de processá-lo, diante dos problemas já enfrentados de elevada capaci-

⁶As exportações brasileiras de soja em grão para a China, em 2002, de 4,1 milhões de toneladas, praticamente se equiparam às estadunidenses de 4,3 milhões de toneladas (PEREIRA, 2004). De acordo com Perez; Barbosa (2005), as vendas de soja do Brasil para a China passa-

ram de 14,96 mil toneladas em 1996 para 5.678 milhões de toneladas em 2004.

⁷A problemática do acúmulo de créditos de ICMS por parte da agroindústria da soja também foi abordada Scatolin; Meirelles; Paula (2000).

dade ociosa, baixa escala de operação, entre outros, agravados com a implementação da referida lei (LAZZARINI e NUNES, 1998).

O ICMS pago nas operações interestaduais de soja em grão é de 12% e, como não há incidência sobre as exportações da matéria-prima nem derivados, é gerado um crédito que se acumula integralmente, trazendo dificuldades à indústria processadora e exportadora, principalmente (ABIOVE, 2005c). Dada a dispersão geográfica ainda existente entre a maior parte da produção agrícola e o parque moageiro, os créditos tributários originados da exportação de farelo e óleo representam um custo tributário significativo às indústrias, uma vez que as vendas internas desses produtos não têm volumes suficientes para compensá-los. O fato de as firmas voltadas à produção de óleo refinado, margarinas e outros produtos derivados da soja não arcarem com tais custos financeiros, tem colocado a indústria de esmagamento exportadora de farelo e óleo de soja em desvantagem competitiva. Por outro lado, a Lei 87/96 conferiu ao sojicultor maior poder de barganha para a fixação de preços da soja em grão, de acordo com o comportamento das cotações internacionais da matéria-prima (MAGALHÃES, 1998).

Desse modo, a incidência diferenciada do ICMS sobre as exportações de soja e derivados consistia em uma proteção à indústria, desincentivando as vendas externas da matéria-prima. A remoção dessa proteção conduziu a indústria doméstica à disputa pelo grão com o mercado internacional e a enfrentar a alta dos preços ao produtor (FARINA e NUNES, 2002).

A questão da disputa pela soja em grão conduz às considerações acerca das relações entre os agentes da cadeia de produção de soja no Brasil. Nesse sentido, Farina e Zylbersztajn (1998) analisaram os conflitos distributivos de sistemas agroindustriais (sag) brasileiros e suas relações com o *agribusiness* internacional e verificaram que o da soja consiste em um “*sistema quebrado*”, no qual “*cada segmento pode se articular internacionalmente com os segmentos a jusante e a montante dependendo exclusivamente dos preços relativos.*” Isso significa que a competitividade de cada segmento não depende crucialmente da competitividade do outro, implicando uma independência de estratégias entre eles. Desse modo, relatam os autores, a desoneração do ICMS nas exportações de produtos

primários e semi-elaborados acirrou os conflitos intrasistêmicos, dada a relação de independência entre os segmentos do sag da soja.

Estudo recente avaliou os efeitos da desoneração fiscal sobre as exportações brasileiras de produtos da agropecuária e da agroindústria, entre os quais o da agroindústria de óleos vegetais, buscando determinar os impactos similares aos da Lei 87/96. Foram simulados três cenários: 1) um choque de eliminação dos impostos sobre as exportações das atividades agropecuárias; 2) de retirada desses impostos nas exportações das atividades agroindustriais; e 3) um choque da eliminação simultânea dos impostos sobre as exportações dessas atividades. Constatou-se que o choque na agropecuária implica respostas negativas na agroindústria, o que demonstra a existência de competição pelo produto agropecuário. Esse comportamento pode ser relacionado ao ganho de competitividade internacional das atividades primárias fornecedoras de produtos básicos para o processamento agroindustrial interno. Esse efeito é mais evidente na agroindústria de óleos vegetais, em função da possibilidade, principalmente da soja, de exportações do grão. Desse modo, a isenção de tributos nas exportações da matéria-prima implica o aumento das exportações desses produtos e em capacidade ociosa da agroindústria doméstica de óleos vegetais (PONCIANO e CAMPOS, 2003).

Em face do exposto, cabe destacar as considerações de Lazzarini e Nunes (1998) a respeito dos impactos da Lei Kandir sobre o processamento e as exportações de soja e derivados. Segundo os autores, a atratividade das vendas externas sem concomitante processamento no País não se deve apenas às políticas protecionistas dos importadores em favor da matéria-prima, tampouco exclusivamente à desoneração do ICMS sobre as exportações de soja em grão. Embora reconhecendo que a eliminação do imposto tenha ampliado a competitividade do grão, enfatizam, citando Castro (1996)⁸, que esse processo já ocorria anteriormente à implementação da Lei 87/96. Assim, agregam um fator a mais nessa questão, além daqueles aqui menciona-

⁸Segundo Castro (1996), de 1980 a 1991, a participação do Brasil no mercado internacional do complexo soja cresceu apenas no de grão, a uma taxa de 6,16%. Entre 1981-91, a participação brasileira nas exportações de farelo caiu de 43% para 29% e nas de óleo de 35% para 15% do total mundial.

dos, o de que as próprias ineficiências de muitas processadoras brasileiras - capacidade ociosa e logística desfavorável -, além do alto custo de carregamento de estoques, em função das elevadas taxas de juros, explicam grande parte da atratividade das exportações de soja em grão no Brasil.

3.2 - Exportações Brasileiras de Farelo de Soja pelos Principais Portos de Embarque

O porto de Paranaguá, no Estado do Paraná, foi, ao longo da série 1996 a 2004, o principal ponto de escoamento das exportações brasileiras de óleo de soja. A quantidade exportada foi de 745 mil de toneladas (US\$395 milhões) no primeiro ano, caindo a seguir, até 2000, quando atingiu 687 mil de toneladas (US\$227 milhões), voltando a crescer até 2004, quando o porto de Paranaguá movimentou 1,5 milhão de toneladas de óleo de soja (US\$845 milhões). Em 2004, a quantidade escoada subiu 5,4% (representando 60,4% do total brasileiro) enquanto o seu valor aumentou 17,2%, em função dos elevados preços alcançados pela soja e seus subprodutos. Ao contrário do que ocorreu com a exportação de farelo de soja, cuja expansão no período 2001 a 2004 possibilitou um crescimento da importância relativa dos portos da Região Sudeste, os portos sulistas mantiveram a importância quase absoluta no escoamento do óleo de soja. Somados, os portos de Paranaguá (PR), Rio Grande (RS) e São Francisco do Sul (SC), que detinham a totalidade dos embarques do produto no início do período, ainda representaram 93,8% da quantidade embarcada em 2004. Entre eles, o porto de Rio Grande viu decrescer a sua importância relativa ao longo do período, diante do crescimento acelerado dos embarques por Paranaguá e São Francisco do Sul. Destaque-se o início de embarques significativos de óleo de soja através do porto de Manaus, situado no Norte do Brasil (Tabela 1).

3.3 - Exportações Brasileiras de Óleo de Soja por País de Destino

O mercado mundial de óleo de soja expandiu-se de 1996 (US\$3,5 bilhões) a 1998 (US\$4,6 bilhões), declinou daí até 2000 (US\$3,0

bilhões) e depois voltou a expandir-se com vigor, atingindo US\$5,2 bilhões em 2003. Grande parte desse comportamento foi devido às importações chinesas, que caíram de US\$767 milhões (1996) para apenas US\$32 milhões (2001) e subiram para US\$1,0 bilhão em 2003. Em 1996, o Brasil foi o maior exportador mundial de óleo de soja, com 20,1% do total, seguido de perto pela Argentina (19,1%). Evoluindo mais rapidamente, os vizinhos portenhos atingiram 40,0% do mercado mundial em 2003, enquanto o Brasil avançou para 23,7% (FAO, 2004). Uma explicação para a perda da representatividade do Brasil e o ganho da Argentina no mercado mundial de óleo bruto de soja consiste no fato de que o mercado doméstico sempre foi o mais importante para a colocação do produto e o mercado internacional considerado secundário pelas empresas brasileiras. Desse modo, a ausência de estratégias para as vendas externas do derivado pode ser considerada um fator coadjuvante para o enfraquecimento da posição brasileira no mercado mundial⁹ (MAGALHÃES, 1998).

As exportações brasileiras de óleo de soja evoluíram de 1,3 milhão de toneladas (correspondente a US\$713 milhões) em 1996 para 2,5 milhões de toneladas (US\$1,4 bilhão) em 2004 (Tabela 2). Em todo o período a maior parte do óleo foi destinada a países asiáticos e do oriente médio, ao contrário do grão e do farelo que foram predominantemente destinados a países europeus (Figura 1).

Destaque-se que em referência ao predomínio dos países em desenvolvimento como destino das exportações de óleo de soja do Brasil, estudo realizado por Jales (2005) demonstra a crescente importância desses países nas importações agrícolas mundiais, bem como na destinação dos produtos brasileiros. A pesquisa revela que as exportações brasileiras do agronegócio para os países desenvolvidos cresceram à taxa de 1,2% ao ano no período 1995 a 2004, enquanto para os em desenvolvimento na ordem de 7,9% a.a. e que, nesse último ano, mais da metade do valor total das vendas brasileiras desses produtos foi destinada a essas nações.

A China recebeu, em 2004, 35,1% da

⁹Magalhães (1998) considera que, embora a carga de impostos seja relativamente elevada no Brasil, o avanço da Argentina não pode ser justificado apenas por vantagens tributárias.

TABELA 1 - Exportações Brasileiras de Óleo de Soja, por Porto de Embarque, 1996 a 2004

Porto	Peso líquido (1.000 toneladas)									Part. 2004		Var. % 2004/03
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	%	Acum.	
Paranaguá	744,95	631,35	813,17	952,31	686,67	791,91	1.061,93	1.443,04	1.521,75	60,45	-	5,45
Rio Grande	458,60	397,79	406,19	427,60	241,05	487,01	507,33	519,31	489,49	19,45	79,90	-5,74
São F. do Sul	124,27	90,00	130,03	156,28	112,94	329,60	343,60	413,08	349,17	13,87	93,77	-15,47
Manaus	0,00	0,00	0,05	0,65	1,99	2,06	2,05	56,25	96,96	3,85	97,62	72,37
Subtotal	1.327,82	1.119,14	1.349,44	1.536,85	1.042,64	1.610,58	1.914,91	2.431,68	2.457,36	97,62	-	1,06
Outros	4,44	6,75	17,45	14,96	30,35	40,95	19,48	54,31	59,88	2,38	-	10,27
Total	1.332,26	1.125,89	1.366,89	1.551,81	1.072,99	1.651,53	1.934,39	2.485,99	2.517,24	100,00	100,00	1,26

Porto	Valor (US\$ milhão)									Part. 2004		Var. % 2004/03
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	%	Acum.	
Paranaguá	395,07	332,70	502,70	429,36	227,27	248,74	435,47	721,16	845,37	61,17	-	17,22
Rio Grande	245,12	207,99	242,16	179,38	79,63	146,27	204,26	255,86	265,86	19,24	80,40	3,91
São F. do Sul	69,52	50,38	74,67	68,42	37,45	93,73	126,27	199,42	180,30	13,05	93,45	-9,59
Manaus	0,00	0,00	0,05	0,47	1,29	1,12	1,16	23,63	50,76	3,67	97,12	114,83
Subtotal	709,71	591,07	819,58	677,63	345,64	489,87	767,15	1.200,07	1.342,29	97,12	-	11,85
Outros	3,57	5,61	13,25	9,86	13,39	16,01	10,90	32,48	39,80	2,88	-	22,54
Total	713,28	596,68	832,84	687,49	359,03	505,88	778,06	1.232,55	1.382,09	100,00	100,00	12,13

Fonte: Elaborada pelos autores com dados da MDIC/SECEx (1996-2005).

TABELA 2 - Exportações Brasileiras de Óleo de Soja, por País, 1996 a 2004

País	Peso líquido (1.000 toneladas)									Part. 2004		Var. % 2004/03
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	%	Acum.	
China	779,68	503,61	183,45	120,49	63,05	17,00	299,05	541,27	882,87	35,07	-	63,11
Irã	177,29	168,02	636,58	772,38	321,59	404,62	573,34	960,33	636,08	25,27	60,34	-33,76
Índia	10,40	19,51	67,83	307,80	188,35	399,71	409,42	256,17	270,62	10,75	71,09	5,64
Bangladesh	68,93	68,14	92,66	45,27	79,22	161,35	77,47	91,47	94,51	3,75	74,85	3,33
África do Sul	3,52	0,00	5,25	10,45	7,82	22,25	35,61	87,27	86,95	3,45	78,30	-0,38
Estados Unidos	2,00	0,50	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,03	79,91	3,17	81,48	...
Marrocos	26,42	11,00	29,20	30,90	57,88	117,16	91,70	19,70	56,55	2,25	83,72	187,07
Holanda	46,98	162,17	13,59	53,06	0,04	9,51	1,47	32,21	59,50	2,36	86,09	84,74
Hong Kong	38,23	58,02	46,66	31,25	58,85	118,70	81,96	104,93	46,82	1,86	87,95	-55,38
Subtotal	1.153,44	990,97	1.075,21	1.371,59	776,78	1.250,30	1.570,02	2.093,37	2.213,80	87,95	-	5,75
Outros	178,81	134,92	291,68	180,22	296,21	401,22	364,36	392,62	303,44	12,05	-	-22,71
Total	1.332,26	1.125,89	1.366,89	1.551,81	1.072,99	1.651,53	1.934,39	2.485,99	2.517,24	100,00	100,00	1,26

País	Valor (US\$ milhão)									Part. 2004		Var. % 2004/03
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	%	Acum.	
China	418,09	264,08	111,99	47,78	21,27	4,92	124,83	268,10	493,38	35,70	-	84,03
Irã	94,58	90,24	382,99	341,03	102,36	120,81	225,42	471,86	332,56	24,06	59,76	-29,52
Índia	5,39	9,94	40,90	142,92	63,70	121,64	158,92	123,40	141,76	10,26	70,02	14,88
Bangladesh	38,02	35,70	54,80	19,35	26,74	46,26	27,67	45,48	51,09	3,70	73,71	12,33
África do Sul	1,87	0,00	3,04	4,24	2,30	6,90	14,48	44,66	47,43	3,43	77,15	6,21
Estados Unidos	1,04	0,26	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,02	46,03	3,33	80,48	...
Marrocos	13,96	5,72	18,48	14,59	16,70	33,48	37,34	10,62	32,08	2,32	82,80	202,11
Holanda	25,11	85,30	8,30	22,54	0,06	2,77	0,61	13,52	30,94	2,24	85,04	128,82
Hong Kong	20,63	32,19	29,45	13,01	19,14	39,67	34,67	53,92	28,65	2,07	87,11	-46,86
Subtotal	618,68	523,42	649,94	605,46	252,28	376,45	623,94	1.031,58	1.203,92	87,11	-	16,71
Outros	94,60	73,26	182,89	82,03	106,75	129,44	154,12	200,97	178,18	12,89	-	-11,34
Total	713,28	596,68	832,84	687,49	359,03	505,88	778,06	1.232,55	1.382,09	100,00	100,00	12,13

Fonte: Elaborada pelos autores com dados da MDIC/SECEx (1996-2005).

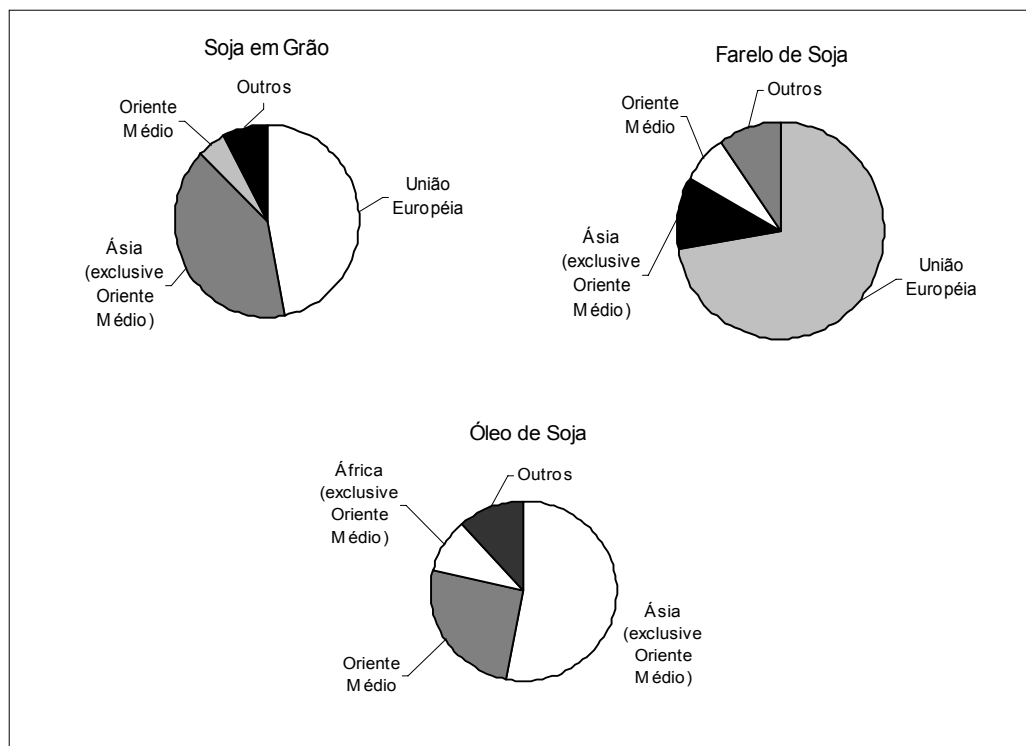


Figura 1 - Exportações¹ Brasileiras de Soja, por Bloco Econômico, 2004.

¹Em milhão de US\$.

Fonte: Elaborada pelos autores com dados básicos da MDIC/SECEX (1996-2005).

quantidade (882,87 mil toneladas) e 35,7% do valor (US\$493,38 milhões) do óleo de soja exportado pelo Brasil. Em função de preços superiores no último ano, houve uma ampliação de 63,1% nas quantidades e um aumento de 84% no valor do produto exportado para a China, quando comparados os anos de 2003 e 2004. Somente nesse último ano as aquisições chinesas ultrapassaram as quantidades de 1996, pois os anos seguintes apresentaram expressivas reduções das importações de óleo de soja brasileiro, que chegaram a apenas 17 mil toneladas em 2001 (somente US\$4,9 milhões) (Tabela 2).

A cadeia da soja - grão e óleo - ocupa posição de destaque no intercâmbio comercial agrícola entre Brasil e China, uma vez que esses produtos representaram 80% do total das vendas agrícolas brasileiras, US\$2,6 bilhões, para o mercado chinês em 2004 (ÍCONE, 2005a).

Com o aumento da renda *per capita* dos chineses, o consumo de soja em grão cresceu na ordem de 14%, de óleo 13% e de farelo 12%, entre 1995 e 2003, variações bastante elevadas quando comparadas às brasileiras, 5%, 3% e 7%, respectivamente (ÍCONE, 2005b).

Além disso, o *déficit* na oferta interna, traduzido pela produção média de 15,77 milhões de toneladas, face ao processamento de 24,16 milhões de toneladas de soja em grão, entre 2001/02 e 2003/04, reforça a condição de importador líquido, sobretudo da matéria-prima, em função do sistema tarifário usado como barreira para o acesso ao mercado de óleos do País.

Nas importações chinesas de soja em grão é aplicada a tarifa de 3%, para farelo de 5%, enquanto para o óleo de soja a incidência é de 63,3%. Além disso, para o óleo vigora o regime de quotas tarifárias, que consiste na aplicação de uma tarifa de importação mais baixa sobre uma quantidade do produto pré-estabelecida e uma outra tarifa mais elevada que a primeira para as importações superiores a essa quantidade (JANK et al., 2003).

Desse modo, a não liberação de quotas de importações de óleo vegetal por parte daquele país impede o acesso dos produtos industrializados brasileiros ao gigantesco mercado de 1,25 bilhão de habitantes, traduzindo-se em proteção à indústria local. Inclusive, em virtude do isolamento do mercado mundial, os preços de óleo e de farelo

praticados internamente se situam cerca de 30% acima do nível externo, o que proporciona uma margem financeira artificial, inexistente em qualquer outro país (AGRONLINE, 2001).

Em 1996, o equivalente a 54,5% das importações chinesas de óleo de soja originaram-se no Brasil e, em 2003, essa proporção caiu para 25,8%, devido à expansão da participação do óleo da Argentina (FAO, 2004).

Importadores sediados no Irã ocuparam, em todo o período, a segunda colocação nas compras de óleo de soja brasileiro, chegando a 636,08 mil toneladas e US\$332,56 milhões em 2004, quando responderam por 24,1% do valor total exportado pelo Brasil, diminuindo 33,8% na quantidade e 29,5% no valor no último ano. Embora as empresas argentinas tenham ocupado mais espaço no mercado internacional, a participação brasileira nas importações iranianas de óleo de soja aumentou de 24,2% em 1996 para 91,7% em 2003 (FAO, 2004). A terceira posição foi ocupada pela Índia, que expandiu fortemente suas aquisições e chegou a 10,3% do valor total, com 270,62 mil toneladas e US\$141,76 milhões em 2004. Em 2003, o produto brasileiro representou 21,8% das importações indianas. Esses três países totalizaram mais de 70% das compras externas de óleo de soja brasileiro. A seguir, diversos países ocuparam posições menos destacadas, como Bangladesh, cujas aquisições variaram de 45,27 mil toneladas a 161,35 mil toneladas e de US\$19,35 a US\$54,80 milhões, de 1996 a 2004, sem indicar tendência de evolução. Empresas da África do Sul e dos Estados Unidos incrementaram suas aquisições nos anos mais recentes, ultrapassando também o patamar de 3% no valor das exportações brasileiras de óleo de soja, em 2004. Marrocos, Holanda e Hong Kong completam o quadro dos principais importadores, todos com comportamentos irregulares e de difícil interpretação de tendência, respondendo por 2% do valor total das exportações brasileiras do produto (Tabela 2).

3.4 - Exportações Brasileiras de Óleo de Soja por País de Destino e Estados de Origem

Assim como no caso do farelo, o Estado brasileiro que mais se destacou na exportação de óleo de soja, em 2004, foi o Paraná, responsável por 42,9% da quantidade e 43,1% do valor expor-

tado nesse ano. Essa liderança vem sendo mantida em todo o período, mesmo perdendo importância relativa para os estados do Centro-Oeste e Sudeste. As exportações paranaenses evoluíram de 616,11 mil toneladas (US\$327,08 milhões), em 1996, para 1,08 milhão de toneladas (US\$595,44 milhões) em 2004, quando responderam por cerca de 43% da quantidade e valor totais. Em seguida vieram as empresas mato-grossenses, cujas exportações cresceram mais de quatro vezes no período (foram de 121,25 mil toneladas para 517,92 mil toneladas e de US\$66,55 milhões para US\$274,77 milhões entre 1996 e 2004), culminando por representarem cerca de 20% do total no último ano, ultrapassando o tradicional Estado do Rio Grande do Sul. As exportações de óleo de soja por empresas gaúchas evoluíram em ritmo bem mais lento, de 458,60 mil toneladas (US\$245,12 milhões) em 1996 para 502,88 mil toneladas (US\$274,20 milhões) em 2004, reduzindo sua participação para apenas 19,8% do total. A participação das empresas do Estado do Mato Grosso do Sul atingiu 4,4% do valor do óleo exportado em 2004, tendo evoluído em ritmo bem mais intenso apenas nos dois últimos anos, quando ultrapassou os Estados de Santa Catarina e São Paulo. A capacidade instalada de processamento nos Estados sulistas (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) caiu de 50,6% do total brasileiro em 2001 para 42,2% em 2004, enquanto nos Estados do Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás) aumentou de 24,8% para 33,9%. Os quatro estados maiores exportadores, somados, tinham 73% da capacidade instalada de processamento de oleaginosas (ABIOVE, 2005b) e exportaram 87,7% da quantidade total de óleo de soja em 2004. O Estado de Santa Catarina manteve suas quantidades exportadas relativamente estáveis, com exceção de 2003, quando ultrapassou 226 mil toneladas. No último ano da série reduziu em 62,0% a quantidade de óleo de soja enviada ao exterior e representou apenas 3,4% do total brasileiro. São Paulo ampliou suas exportações do produto nos três últimos anos e ultrapassou as 84 mil toneladas em 2004, quando representou 3,35% da quantidade total. São Paulo é o estado que dedica maior proporção do óleo ao mercado interno. Finalmente, Minas Gerais contribuiu, em 2004, com 2,9% da quantidade total exportada pelo Brasil o que, somado aos seis estados anteriormente citados, representou 97,4% do total (Tabela 3).

TABELA 3 - Exportações Brasileiras de Óleo de Soja, por Estado, 1996 a 2004

Estado	Peso líquido (1.000 toneladas)									Part. 2004		Var. % 2004/03
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	%	Acum.	
Paraná	616,11	507,29	681,56	839,12	586,52	775,70	845,52	1.061,79	1.079,82	42,90	-	1,70
Mato Grosso	121,25	104,73	58,46	122,07	122,24	135,14	272,75	385,87	517,92	20,57	63,47	34,22
Rio G. do Sul	458,60	403,82	406,19	419,09	241,05	486,66	513,22	521,56	502,88	19,98	83,45	-3,58
Mato G. do Sul	47,46	26,90	18,56	1,84	5,56	4,49	15,36	63,83	106,34	4,22	87,67	66,60
Santa Catarina	88,31	72,12	91,51	92,51	69,14	99,85	101,86	226,94	86,29	3,43	91,10	-61,98
São Paulo	0,53	3,00	20,71	17,19	3,87	11,14	75,21	83,69	84,44	3,35	94,46	0,90
Minas Gerais	0,00	2,60	0,00	0,45	16,84	7,91	12,35	14,69	73,23	2,91	97,37	398,56
Subtotal	1.332,26	1.120,45	1.276,99	1.492,27	1.045,21	1.520,89	1.836,26	2.358,37	2.450,93	97,37	-	3,93
Outros	0,00	5,44	89,89	59,54	27,78	130,63	98,13	127,62	66,31	2,63	-	-48,04
Total	1.332,26	1.125,89	1.366,89	1.551,81	1.072,99	1.651,53	1.934,39	2.485,99	2.517,24	100,00	100,00	1,26

Estado	Valor (US\$ milhão)									Part. 2004		Var. % 2004/03
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	%	Acum.	
Paraná	327,08	268,77	422,47	381,14	195,99	237,53	339,03	526,71	595,44	43,08	-	13,05
Mato Grosso	66,55	54,61	34,81	52,40	41,24	42,27	103,31	182,34	274,77	19,88	62,96	50,70
Rio G. do Sul	245,12	210,99	242,16	176,14	79,63	146,17	206,87	256,82	274,20	19,84	82,80	6,77
Mato G. do Sul	24,77	14,45	11,56	0,91	2,91	2,33	7,31	32,68	60,57	4,38	87,19	85,38
Santa Catarina	49,32	42,09	53,24	41,39	23,01	28,95	39,68	120,80	49,80	3,60	90,79	-58,77
São Paulo	0,44	1,57	13,12	9,70	2,26	4,68	33,74	42,37	48,12	3,48	94,27	13,57
Minas Gerais	0,00	1,35	0,00	0,30	5,39	2,59	5,71	7,18	42,12	3,05	97,32	486,59
Subtotal	713,28	593,83	777,36	661,98	350,43	464,53	735,65	1.168,88	1.345,04	97,32	-	15,07
Outros	0,00	2,85	55,47	25,52	8,60	41,36	42,41	63,67	37,06	2,68	-	-41,79
Total	713,28	596,68	832,84	687,49	359,03	505,88	778,06	1.232,55	1.382,09	100,00	100,00	12,13

Fonte: Elaborada pelos autores com dados da MDIC/SECEX (1996-2005).

O Estado do Paraná, que tem o porto de maior movimentação do produto (60,4%) e é o maior exportador de óleo de soja brasileiro (42,9%), foi também o principal fornecedor do mercado chinês, com 42,8% do óleo de soja exportado pelo Brasil em 2004. Em 1996, esse papel era ainda mais destacado, as empresas paranaenses enviaram, sozinhas, 385,27 das 779,68 mil toneladas de óleo de soja comercializadas entre os dois países. Com as restrições impostas pelo governo chinês, as remessas paranaenses caíram para apenas 11,46 mil toneladas (US\$3,37 milhões) em 2001 e, embora tenham voltado a crescer a partir de 2002, chegaram a 377,81 mil toneladas em 2004, quantidade inferior à do início da série. As exportações gaúchas apresentaram evolução semelhante às paranaenses, com a diferença de terem apresentado, em 2004, quantidade superior à de 1996 (232,2 e 215,00 mil toneladas de óleo, respectivamente). O Estado do Mato Grosso do Sul, que expandiu a produção e a capacidade de processamento de soja no período, ampliou suas remessas à China de 89,41 mil toneladas, em 1996 para 145,16 mil toneladas em 2004, atingindo 16,4% do total. Esses três estados, somados, supriram 85,5% desse comércio

em 2004. O quarto Estado maior exportador brasileiro de óleo de soja foi Santa Catarina, cuja participação caiu quase pela metade, considerando-se os extremos do período, ficando com 4,3% da quantidade total em 2004. Diferentemente dos estados sulinos, São Paulo surge como exportador de óleo à China a partir de 2002, alcançando 34,3 mil toneladas em 2004, de modo a compensar a retração das vendas catarinenses. Finalmente, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais ampliaram suas remessas e suas participações, que atingiram, respectivamente, 2,9% e 2,3% no último ano. Os sete estados destacados somaram 98,85% das exportações brasileiras de óleo de soja à China (Tabela 4).

O Irã concentrou suas compras de óleo de soja brasileira no Paraná (45,5% em 2004), adquirindo entre 156,13 e 344,40 mil toneladas desde 1998. Em segundo lugar, apareceu o Rio Grande do Sul, que disputa essa posição com o Mato Grosso, ambos com pouco mais de 20% do total exportado em 2004. As exportações gaúchas oscilaram entre 83,22 e 301,02 mil toneladas ao longo da série, sem tendência definida, enquanto as mato-grossenses oscilaram entre 12,35 e 159,08 mil toneladas, mas com tendência

TABELA 4 - Exportações Brasileiras de Óleo de Soja, para a China, 1996 a 2004

Estado	Peso líquido (1.000 toneladas)									Part. 2004		Var. %
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	%	Acum.	2004/03
Paraná	385,27	221,27	133,40	54,24	33,40	11,46	83,33	237,25	377,81	42,79	-	59,24
Rio G. do Sul	215,00	177,58	23,56	39,47	0,00	0,00	154,76	160,32	232,20	26,30	69,09	44,83
Mato Grosso	89,41	70,85	11,12	22,00	3,75	1,04	34,56	63,59	145,16	16,44	85,54	128,28
Santa Catarina	74,13	24,85	5,02	0,00	14,99	0,00	2,00	31,63	37,96	4,30	89,83	19,98
São Paulo	0,00	2,22	0,00	0,00	0,00	0,00	7,00	17,45	34,41	3,90	93,73	97,17
Mato G. do Sul	15,86	2,89	1,84	1,00	0,00	0,00	4,15	10,30	25,27	2,86	96,59	145,34
Minas Gerais	0,00	0,60	0,00	0,00	1,93	0,00	0,75	5,14	19,95	2,26	98,85	288,32
Subtotal	779,68	500,25	174,94	116,71	54,07	12,50	286,55	525,68	872,74	98,85	-	66,02
Outros	0,00	3,37	8,51	3,77	8,98	4,50	12,50	15,58	10,12	1,15	-	-35,05
Total	779,68	503,61	183,45	120,49	63,05	17,00	299,05	541,27	882,87	100,00	100,00	63,11

Estado	Valor (US\$ milhão)									Part. 2004		Var. %
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	%	Acum.	2004/03
Paraná	204,60	115,78	83,19	21,59	11,19	3,37	37,23	118,58	210,71	42,71	-	77,69
Rio G. do Sul	114,10	92,17	13,44	15,04	0,00	0,00	63,00	80,16	130,22	26,39	69,10	62,45
Mato Grosso	49,40	36,73	6,58	9,40	1,27	0,31	12,59	30,79	80,11	16,24	85,34	160,16
Santa Catarina	41,53	14,74	2,52	0,00	5,53	0,00	0,84	14,44	20,76	4,21	89,55	43,79
São Paulo	0,00	1,11	0,00	0,00	0,00	0,00	3,19	8,86	19,60	3,97	93,52	121,19
Mato G. do Sul	8,47	1,49	1,12	0,36	0,00	0,00	1,94	4,93	15,08	3,06	96,58	206,00
Minas Gerais	0,00	0,31	0,00	0,00	0,56	0,00	0,36	2,53	11,15	2,26	98,84	339,77
Subtotal	418,09	262,33	106,85	46,38	18,55	3,68	119,14	260,30	487,65	98,84	-	87,34
Outros	0,00	1,75	5,14	1,40	2,72	1,25	5,69	7,80	5,74	1,16	-	-26,42
Total	418,09	264,08	111,99	47,78	21,27	4,92	124,83	268,10	493,38	100,00	100,00	84,03

Fonte: Elaborada pelos autores com dados da MDIC/SECEX (1996-2005).

de crescimento. Apenas estes três estados atenderam 86,5% das exportações brasileiras de óleo de soja para o Irã, em 2004. O quarto estado maior exportador do óleo foi o Mato Grosso do Sul, que ganhou expressão apenas nos dois últimos anos da série estudada, culminando com 39,89 mil toneladas (6,3% do total). As remessas catarinenses apresentaram-se muito irregulares, variando de 2,45 a 134,02 mil toneladas e terminando com 15,17 mil toneladas (US\$8,34 milhões), em 2004. Finalmente, apareceu o Estado de Minas Gerais, cujas exportações do produto adquiriram importância apenas em 2003 e 2004. Neste último ano, enquanto os Estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais incrementaram (em relação a 2003) em mais de 90% suas quantidades exportadas, os demais estados destacados apresentaram redução. Os seis estados maiores exportadores de óleo de soja brasileiro para o Irã totalizaram 97,4% da quantidade e do valor enviados em 2004 (Tabela 5). O Brasil deverá ter um *superávit* de mais de US\$1 bilhão este ano com o Irã, responsável por mais de 20% das compras de produtos brasileiros no Oriente Médio. Metade das exportações do Brasil para o Irã corresponde a vendas de soja e seus derivados

(farelo e óleo), devendo ultrapassar o valor de US\$ 500 milhões em 2004 (VIDOR, 2004).

As empresas com sede na Índia compraram óleo de soja brasileiro preponderantemente do Paraná, de 1996 a 2004 (exceto em 1997), culminando com a participação de 43,6% deste estado no último ano. O ano de maior comércio, no entanto, foi 2002, quando o Estado do Paraná enviou 201,23 mil toneladas das 409,42 mil toneladas de óleo brasileiro importado pelos indianos. A exemplo do ocorrido nas exportações para o Irã, também aqui os Estados do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso disputam o segundo lugar. Os gaúchos atingiram o pico nas suas exportações de óleo em 2001 (162,78 mil toneladas e US\$49,10 milhões), ano em que as restrições chinesas foram mais intensas, caindo depois até atingir 52,85 mil toneladas em 2004, representando 19,5% do total. Os mato-grossenses exportaram mais em 2002 (53,55 mil toneladas), caindo para 49,33 mil toneladas em 2004 (18,2% do total). Os três estados, em conjunto, representaram 81,3% da quantidade e 80,3% do valor total de óleo de soja brasileiro importado pela Índia, em 2004. Mato Grosso do Sul foi o quarto estado maior exportador de óleo para esse país asiático,

TABELA 5 - Exportações Brasileiras de Óleo de Soja, para o Irã, 1996 a 2004

Estado	Peso líquido (1.000 toneladas)									Part. 2004		Var. % 2004/03
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	%	Acum.	
Paraná	22,74	35,08	256,56	316,27	156,13	176,64	178,13	344,40	289,20	45,47	-	-16,03
Rio G. do Sul	137,30	83,22	253,14	301,02	89,26	146,90	173,21	220,57	132,92	20,90	66,36	-39,74
Mato Grosso	14,80	12,35	32,34	52,10	38,20	44,21	111,57	159,08	128,43	20,19	86,55	-19,27
Mato G. do Sul	0,00	0,50	6,05	0,00	0,00	0,00	0,60	20,86	39,89	6,27	92,82	91,21
Santa Catarina	2,45	32,80	48,10	88,50	29,00	29,39	71,17	134,02	15,17	2,38	95,21	-88,68
Minas Gerais	0,00	2,00	0,00	0,00	4,50	0,00	2,00	7,46	14,22	2,24	97,44	90,72
Subtotal	177,29	165,94	596,19	757,89	317,09	397,14	536,67	886,38	619,82	97,44	-	-30,07
Outros	0,00	2,07	40,38	14,48	4,50	7,48	36,68	73,94	16,25	2,56	-	-78,02
Total	177,29	168,02	636,58	772,38	321,59	404,62	573,34	960,33	636,08	100,00	100,00	-33,76

Estado	Valor (US\$ milhão)									Part. 2004		Var. % 2004/03
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	%	Acum.	
Paraná	11,77	18,21	156,67	143,71	50,46	51,99	69,37	168,39	152,46	45,84	-	-9,46
Rio G. do Sul	73,66	44,88	151,72	129,43	27,55	45,01	68,68	108,99	69,70	20,96	66,80	-36,05
Mato Grosso	7,82	6,42	19,06	22,77	13,50	12,96	42,49	73,69	64,66	19,44	86,24	-12,26
Mato G. do Sul	0,00	0,26	3,61	0,00	0,00	0,00	0,28	10,42	20,84	6,27	92,51	100,01
Santa Catarina	1,33	18,33	27,30	38,79	8,26	8,56	27,09	69,52	8,34	2,51	95,01	-88,01
Minas Gerais	0,00	1,04	0,00	0,00	1,27	0,00	0,93	3,58	7,94	2,39	97,40	121,78
Subtotal	94,58	89,14	358,36	334,69	101,04	118,53	208,84	434,58	323,92	97,40	-	-25,46
Outros	0,00	1,10	24,63	6,34	1,33	2,28	16,58	37,28	8,64	2,60	-	-76,82
Total	94,58	90,24	382,99	341,03	102,36	120,81	225,42	471,86	332,56	100,00	100,00	-29,52

Fonte: Elaborada pelos autores com dados da MDIC/SECEX (1996-2005).

ganhando maior expressão apenas no último ano, quando atingiu 17,36 mil toneladas (6,4% do total) e US\$9,54 milhões. Os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás passaram a contribuir com mais de 2% do total enviado à Índia apenas nos três últimos anos da série estudada, enquanto o Estado de Santa Catarina obteve maior expressão nos anos 2000 a 2002. Os oito estados destacados responderam por 99,5% da quantidade e 99,6% do valor do óleo de soja exportado para a Índia, em 2004 (Tabela 6).

Nos primeiros oito meses de 2005, a exportação brasileira de óleo de soja caiu 1,3% na quantidade e 17,4% no valor, indicando uma redução de 16,3% nos preços, quando comparados com o mesmo período do ano anterior. O porto de Paranaguá manteve-se como principal responsável pelo embarque do óleo, com mais de 61% do valor total, embora tenha sofrido redução um pouco acima da média brasileira (de US\$657,93 milhões no período janeiro a agosto de 2004 para US\$519,18 milhões, no mesmo período de 2005). Ao contrário, os embarques pelo porto de São Francisco foram maiores 21,3% na quantidade e 6,8% no valor. Com isso, sua participação no valor total aumentou de 13,8% para 17,9%. Em contrapartida, o porto de Rio Grande reduziu sua participação de 16,6% para 13,0% ao

apresentar menores embarques em 2005. A maior variação foi observada nos embarques pelo porto de Manaus, que cresceram 76,0% na quantidade e 61,5% no valor, ampliando sua participação de 2,9% para 5,7%. O conjunto dos quatro portos destacados representou mais de 97% do total nos dois períodos.

Quanto ao destino do total do óleo exportado, observou-se grande expansão das quantidades embarcadas para Irã (+23,8%) e Índia (+122,9%) e redução para a China (-67,0%), quando comparados os meses de janeiro a agosto de 2005 e 2004. Em valores, as evoluções foram de +8,0% para o Irã, +89,2% para a Índia e -73,0% para a China e, como consequência, a participação desses países nas exportações de óleo de soja brasileiro evoluiu: Irã de 23,7% para 31,0%, Índia de 8,6% para 19,6% e China de 37,8% para 12,4%. Enquanto Bangladesh, que foi o quarto maior importador, durante 2004, não apareceu como um deles no início de 2005, surgiram Argélia e Senegal com 3,8% e 3,7% do valor total, respectivamente. Também as compras atípicas dos Estados Unidos em 2004 não mostraram indícios de repetição em 2005. África do Sul, Marrocos e Holanda apresentaram maiores compras de óleo no início de 2005, ampliando sua importância. Em resumo, a retração do mercado chinês foi determi-

TABELA 6 - Exportações Brasileiras de Óleo de Soja, para a Índia, 1996 a 2004

Estado	Peso líquido (1.000 toneladas)									Part. 2004		Var. % 2004/03
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	%	Acum.	
Paraná	10,40	9,41	41,75	242,03	94,86	152,38	201,23	127,76	117,85	43,55	-	-7,76
Rio G. do Sul	0,00	10,10	22,00	10,00	24,23	162,78	78,39	65,25	52,85	19,53	63,07	-19,00
Mato Grosso	0,00	0,00	1,50	21,35	45,18	20,40	53,55	27,03	49,33	18,23	81,30	82,53
Mato G. do Sul	0,00	0,00	1,00	0,00	0,74	0,00	4,53	2,75	17,36	6,41	87,72	531,16
São Paulo	0,00	0,00	1,08	4,79	0,00	1,00	16,00	17,25	11,61	4,29	92,01	-32,68
Minas Gerais	0,00	0,00	0,00	0,00	4,10	2,20	3,00	0,00	7,57	2,80	94,81	...
Santa Catarina	0,00	0,00	0,00	0,00	15,75	16,95	19,48	1,10	6,81	2,52	97,32	519,03
Goiás	0,00	0,00	0,00	0,50	1,50	0,00	3,65	0,00	5,99	2,21	99,53	...
Subtotal	10,40	19,51	67,33	278,66	186,35	355,71	379,82	241,13	269,36	99,53	-	11,71
Outros	0,00	0,00	0,50	29,13	2,00	44,00	29,59	15,04	1,26	0,47	-	-91,62
Total	10,40	19,51	67,83	307,80	188,35	399,71	409,42	256,17	270,62	100,00	100,00	5,64

Estado	Valor (US\$ milhão)									Part. 2004		Var. % 2004/03
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	%	Acum.	
Paraná	5,39	4,83	25,14	114,38	32,32	45,71	78,68	62,69	61,57	43,44	-	-1,78
Rio G. do Sul	0,00	5,11	13,14	3,94	8,57	49,10	28,84	29,88	26,26	18,52	61,96	-12,11
Mato Grosso	0,00	0,00	0,99	9,41	14,67	6,35	20,10	12,93	26,02	18,35	80,31	101,27
Mato G. do Sul	0,00	0,00	0,66	0,00	0,22	0,00	1,91	1,34	9,54	6,73	87,04	612,26
São Paulo	0,00	0,00	0,66	2,51	0,00	0,33	6,80	8,80	6,32	4,46	91,50	-28,23
Minas Gerais	0,00	0,00	0,00	0,00	1,19	0,76	1,32	0,00	4,17	2,94	94,44	...
Santa Catarina	0,00	0,00	0,00	0,00	5,69	4,72	7,23	0,54	3,78	2,66	97,11	605,25
Goiás	0,00	0,00	0,00	0,23	0,45	0,00	1,59	0,00	3,52	2,48	99,59	...
Subtotal	5,39	9,94	40,58	130,47	63,10	106,97	146,47	116,17	141,18	99,59	-	21,52
Outros	0,00	0,00	0,32	12,45	0,60	14,67	12,45	7,22	0,58	0,41	-	-91,97
Total	5,39	9,94	40,90	142,92	63,70	121,64	158,92	123,40	141,76	100,00	100,00	14,88

Fonte: Elaborada pelos autores com dados da MDIC/SECEX (1996-2005).

nante para anular a expansão das importações dos demais países.

Em termos de blocos econômicos, verificou-se redução da importância da Ásia (exclusive Oriente Médio), cuja participação no valor total exportado pelo Brasil caiu de 54,2% para 36,0%, e o crescimento do Oriente Médio, cuja participação evoluiu de 24,8% para 32,3%, da África (exclusive Oriente Médio), que evoluiu de 10,3% para 20,0%, e da União Européia, que passou de 1,8% para 5,3%, comparados os meses de janeiro a agosto de 2005 com o mesmo período de 2004 (MDIC/SECEX, 1996-2005).

Quanto aos estados de origem, observou-se que os tradicionais produtores e exportadores da Região Sul ou exportaram em proporção menor que a média ou em menor quantidade que no início de 2004, pois apresentaram redução de importância relativa nos primeiros meses de 2005. As exportações paranaenses de óleo de soja representaram 45,2% do valor total nos primeiros oito meses de 2004 e 38,2% no mesmo período de 2005; os envios do Rio Grande do Sul caíram de 17,4% para 13,3% e os catarinenses

de 4,1% para 2,6%, nos mesmos períodos. Em contrapartida, o Mato Grosso ampliou sua participação de 19,8% para 30,0% e o Mato Grosso do Sul de 4,3% para 5,0%, mantendo a tendência de aumento do papel do Centro-Oeste brasileiro (Tabela 7).

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de óleo de soja no Brasil, ainda que crescente, não tem acompanhado, na mesma proporção, a expansão verificada na produção da matéria-prima, diante da relação processamento/produção de soja em grão mostrar-se decrescente no período considerado. A maior atratividade da matéria-prima, derivada da demanda internacional pautada pela preferência ao processamento doméstico nos principais países importadores do grão, e pelo acirramento da disputa pela soja no mercado interno, trazido pela isenção da incidência de ICMS nas exportações da oleaginosa, podem ser considerados como indutores desse comportamento. Somam-se a

TABELA 7 - Exportações Brasileiras de Óleo de Soja, Janeiro a Agosto de 2004 e Janeiro a Agosto de 2005

Porto	Pelos principais portos brasileiros								
	01/2005 a 08/2005			01/2004 a 08/2004			Variação (%)		
	Quantidade (1.000t)	Valor (US\$ milhão)	Preço (US\$/t)	Quantidade (1.000t)	Valor (US\$ milhão)	Preço (US\$/t)	Quantidade	Valor	Preço
Paranaguá	1.089,44	519,18	476,56	1.151,33	657,93	571,45	-5,38	-21,09	-16,61
São Francisco do Sul	326,76	151,24	462,86	269,43	141,58	525,47	21,28	6,83	-11,91
Rio Grande	234,22	109,96	469,49	291,29	170,24	584,44	-19,59	-35,41	-19,67
Manaus	102,80	48,05	467,41	58,40	29,76	509,49	76,02	61,48	-8,26
Subtotal	1.753,22	828,44	472,52	1.770,46	999,51	564,55	-0,97	-17,12	-16,30
Outros	31,68	18,48	583,25	37,87	25,26	667,00	-16,35	-26,85	-12,56
Total	1.784,90	846,91	474,49	1.808,33	1.024,77	566,69	-1,30	-17,36	-16,27

País	Para os principais países de destino								
	01/2005 a 08/2005			01/2004 a 08/2004			Variação (%)		
	Quantidade (1.000t)	Valor (US\$ milhão)	Preço (US\$/t)	Quantidade (1.000t)	Valor (US\$ milhão)	Preço (US\$/t)	Quantidade	Valor	Preço
Irã	561,41	262,76	468,02	453,29	243,30	536,74	23,85	8,00	-12,80
Índia	355,11	166,22	468,08	159,33	87,84	551,33	122,88	89,22	-15,10
China	222,23	104,65	470,90	674,11	387,60	574,98	-67,03	-73,00	-18,10
África do Sul	83,20	41,12	494,22	52,82	30,13	570,38	57,52	36,48	-13,35
Marrocos	73,50	33,89	461,05	39,25	23,19	590,93	87,27	46,11	-21,98
Argélia	70,36	32,66	464,19	0,00	0,00
Senegal	67,02	31,78	474,12	37,75	22,32	591,21	77,54	42,38	-19,80
Holanda	59,57	28,07	471,13	34,13	17,47	512,02	74,56	60,62	-7,99
Egito	39,71	18,13	456,66	9,00	5,23	581,31	341,22	246,61	-21,44
Subtotal	1.432,85	673,07	469,74	1.416,55	794,38	560,79	1,15	-15,27	-16,23
Outros	352,05	173,84	493,80	391,78	230,38	588,05	-10,14	-24,54	-16,03
Total	1.784,90	846,91	474,49	1.808,33	1.024,77	566,69	-1,30	-17,36	-16,27

Estado	Dos principais estados de origem								
	01/2005 a 08/2005			01/2004 a 08/2004			Variação (%)		
	Quantidade (1.000t)	Valor (US\$ milhão)	Preço (US\$/t)	Quantidade (1.000t)	Valor (US\$ milhão)	Preço (US\$/t)	Quantidade	Valor	Preço
Paraná	675,50	323,44	478,82	817,14	463,28	566,95	-17,33	-30,19	-15,55
Mato Grosso	540,74	254,02	469,77	376,86	202,59	537,58	43,49	25,39	-12,61
Rio Grande do Sul	239,43	112,50	469,85	303,63	178,01	586,26	-21,14	-36,80	-19,86
Mato Grosso do Sul	90,08	42,66	473,53	74,18	43,93	592,28	21,43	-2,91	-20,05
Minas Gerais	80,56	37,99	471,54	49,77	29,88	600,36	61,87	27,14	-21,46
São Paulo	60,02	29,38	489,53	67,01	38,89	580,40	-10,42	-24,45	-15,66
Santa Catarina	44,87	21,44	477,82	71,89	41,91	583,01	-37,59	-48,85	-18,04
Subtotal	1.731,20	821,43	474,48	1.760,47	998,50	567,18	-1,66	-17,73	-16,34
Outros	53,70	25,49	474,61	47,86	26,27	548,94	12,21	-2,98	-13,54
Total	1.784,90	846,91	474,49	1.808,33	1.024,77	566,69	-1,30	-17,36	-16,27

Fonte: Elaborada pelos autores com dados básicos da MDIC/SECEX (1996-2005).

esses aspectos a própria característica da cadeia de produção, em face da independência do segmento de produção de soja em grão em relação à colocação do produto no mercado internacional, além dos problemas de caráter estrutural já enfrentados pela indústria e agravados com a maior concorrência pela matéria-prima nos últimos anos.

Por sua vez, o consumo brasileiro de óleo de soja se mostrou relativamente estável, implicando o aumento da parcela da produção

enviada ao mercado externo, em detrimento da tradicional maior participação do mercado doméstico na demanda do produto. A esse respeito, dois aspectos devem ser considerados: a ampliação do uso de outros óleos vegetais comestíveis e a influência da demanda protéica internacional baseada, especialmente nos últimos anos, em produtos de origem vegetal. Desse modo, dada a condição do óleo como subproduto da fabricação de farelo, infere-se que o consumo interno de

óleo de soja no Brasil tem evoluído aquém da produção resultante das maiores quantidades processadas para a obtenção de farelo, gerando excedentes e, portanto, passíveis de exportação.

O processo de transferência do parque moageiro para o Centro-Oeste do País explica o crescimento expressivo das exportações da região, em especial de Mato Grosso, que passou a ocupar o segundo lugar no *ranking* estadual das vendas externas ao superar as do Rio Grande do Sul em 2004. Por sua vez, a liderança do Paraná foi sustentada por todo período, posto que o Estado ainda concentra a maior parte da capacidade de processamento de oleaginosas do País. Os portos de Paranaguá e Rio Grande se mantiveram como os principais terminais de embarque de óleo de soja.

A evolução das exportações brasileiras de óleo de soja mostrou-se fortemente influenciada pelas aquisições da China, principalmente a partir de 2002, o que proporcionou a continuidade da ascensão das vendas externas do derivado, destacando-se a política comercial daquele país, baseada na maior incidência tarifária sobre as importações do óleo em relação às de grão. Ressalta-se, também, as importações de outras nações asiáticas e o predomínio das em desenvolvimento como principais demandadoras do produto.

A influência da China também se fez sentir no decorrer deste ano, dada a brusca queda nas exportações para aquele país, em parte atenuada pelos acréscimos verificados para outros importadores. De fato, as importações totais chinesas acusaram decréscimo de 37% na temporada 2004/05¹⁰ em relação à anterior. Já, para 2005/06, segundo o USDA, as importações de óleo de soja da China devem totalizar 2,4 milhões de toneladas, com acréscimo de 39%. Se a recuperação das aquisições chinesas indicam maiores possibilidades de acréscimos nas exportações do Brasil, a mesma perspectiva é aplicada à principal concorrente, a Argentina. O país portenho deverá ampliar sua participação no mercado mundial de 49% para 52%, enquanto a parcela brasileira reduzida de 30% para 26%, entre 2003/04 e 2005/06.

Conforme Lovatelli (2005), a valorização do real frente ao dólar representa um fator adicional para as dificuldades do setor, o que, aliado à expansão da agroindústria argentina, deverá se refletir em perdas na representatividade brasileira no mercado mundial. Ainda que a expansão das exportações de carnes constitua alternativa à industrialização da soja no Brasil, sua concretização dependerá das negociações internacionais com vistas à redução do protecionismo.

¹⁰Refere-se ao ano comercial de outubro/2004 a setembro/2005.

LITERATURA CITADA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ÓLEOS VEGETAIS - ABIOVE. **Balanco de oferta/demanda do complexo soja**. Disponível em: <<http://www.abiove.com.br/balanc.html>>. Acesso em: set. 2005a.

_____. **Capacidade instalada de processamento de oleaginosas**. Disponível em: <<http://www.abiove.com.br/capaci.html>>. Acesso em: maio 2005b.

_____. **Considerações sobre a desoneração do ICMS da cesta básica**. Disponível em: <http://www.abiove.com.br/nota_icms.html>. Acesso em: out. 2005c.

AGRONLINE. (2001). **Protecionismo da China e Índia prejudica o Brasil**. Disponível em: <<http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=14&pg=1&n=2>>. Acesso em: 24 jun. 2005.

BALANÇA DO AGRONEGÓCIO. **Exportações brasileiras**. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: set. 2005.

BARBOSA, M. Z.; PEREZ, L. H. Evolução das exportações brasileiras de farelo de soja por portos de embarque e estados de origem, 1996 a 2004. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 35, n. 11, p. 24-35, nov. 2005.

_____; FERREIRA, C. R. R. P. T.; FREITAS, S. M. de. Comportamento dos preços de soja e derivados nas exportações brasileiras no período 1988-97. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 25-30, fev. 2000.

BASTIN, G. J. Q. et al. **Aceites vegetales y semillas oleaginosas: guia del comerciante, principales aceites y semillas en el comercio mundial**. Genebra: CCI, 1990. v. 2, 275 p.

CASTRO, A. C. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**: o caso da indústria de óleos vegetais. Campinas: UNICAMP, 1996. 127 p.

FAO/FAOSTAT (2004). Disponível em: <<http://www.fao.org/ag/guides/resource/data.htm>>. Acesso em: jun. 2005.

FARINA, E. M. M. Q.; NUNES, R. **A evolução do sistema agroalimentar e a redução de preços para o consumidor**: o efeito de atuação dos grandes compradores. São Paulo: PENSA/USP, 2002. Disponível em: <http://www.fia.com.br/pensa/pdf/oficina/Artigo_cepai_2002_final.pdf> Acesso em: out. 2005.

_____; ZYLBERSZTAJN, D. **Competitividade no agribusiness brasileiro**: introdução e conceitos. São Paulo: PENSA/USP/IPEA, 1998. Disponível em: <http://www.fia.com.br/pensa/pdf/relatorios/ipea/Vol_I_Sumario.PDF>. Acesso em: out. 2005.

FREITAS, S. M. de; BARBOSA, M. Z.; FRANCA, T. J. F. Cadeia de produção de soja no Brasil: o caso do óleo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 30, n. 12, p. 30-41, dez. 2000.

_____; FERREIRA, C. R. R. P. T.; TSUNECHIRO, A. O mercado de óleos vegetais e o potencial da cultura do girassol no Brasil, 1993-96. _____, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 7-18, fev. 1998.

INSTITUTO DE ESTUDOS DO COMÉRCIO E NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS - ÍCONE. **Crescimento do consumo chinês de produtos do agronegócio**. Disponível em: <<http://www.iconebrasil.org.br/portugues/conteudo.asp?idCategoria=6&idSubCategoria=16>>. Acesso em: 24 jun. 2005b.

_____. **Mudanças na agricultura chinesa abrem espaço para o Brasil exportar mais**. Disponível em: <<http://www.iconebrasil.org.br/portugues/conteudo.asp?idDocumento=816&idCategoria=6&idSubCategoria=10>>. Acesso em: 29 set. 2005a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Quantidade anual per capita de alimentos adquiridos para consumo no domicílio por meio de despesas monetárias, na ENDEF e na POF, segundo os produtos selecionados, Brasil, 1974-2003**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/19052004/pof2002html.shtml>>. Acesso em: 2 jun. 2005.

JALES, M. **Inserção do Brasil no comércio internacional agrícola e expansão dos fluxos comerciais Sul-Sul**. Disponível em: <http://www.iconebrasil.org.br/Publicacoes/Jales_Paises%20em%20Desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 3 out. 2005.

JANK, M. et al. (2003). **Acesso a mercados**: uma radiografia da proteção nos mercados agroindustriais. Disponível em: <http://www.iconebrasil.org.br/Documentos%20de%20Trabalho/DT004-Acesso%20a%20Mercados_ALCA.pdf>. Acesso em: 29 set. 2005.

LAZZARINI, S. G.; NUNES, R. Competitividade do sistema agroindustrial da soja. In: FARINA, E. M. M. Q.; ZYLBERSZTAJN, D. **Competitividade no agribusiness brasileiro**. São Paulo: PENSA/USP/IPEA, 1998. p.194-420. Disponível em: <http://www.fia.com.br/PENSA/pdf/relatorios/ipea/Vol_V_Soja.PDF>. Acesso em: 2 mar. 2005.

LOVATELLI, C. **Câmbio valorizado faz esmagadoras de soja amargarem prejuízo**. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/economia/2176501-2177000/2176732/2176732_1.xml>. Acesso em: 17 nov. 2005. Entrevista concedida a Último Segundo.

MAGALHÃES, L. C. G. de. Soja. In: GASQUES, J. G. et al. **Competitividade de grãos e de cadeias selecionadas do agribusiness**. Brasília: IPEA, 1998. (Texto para Discussão, 538). Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: out. 2005.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO E INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. SECEX. **Balança comercial brasileira**. Rio de Janeiro, 1996-2005. Disponível em: <<http://alicesweb.mdic.gov.br>>. Acesso em: setembro 2005.

OILSEEDS: World Markets and Trade. Washington: USDA, Sept. 2005.

PEREIRA, S. R. A evolução do complexo soja e a questão da transgenia. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 26-32, abr./jun. 2004.

PEREZ, L. H.; BARBOSA, M. Z. Evolução das exportações brasileiras de soja em grão, 1996 a 2004. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 35, n. 10, p. 16-31, out. 2005.

PERNAMBUCO, G. Cereais: exportações de soja podem chegar a US\$5 bilhões. **Informativo Técnico Revista Gleba**, v. 46, n. 176, abr./maio 2001. Disponível em: <<http://www.cna.org.br/Gleba99/2001/AbrMai/cereais.htm>>. Acesso em: out. 2005.

PONCIANO, N. J.; CAMPOS, A. C. Eliminação dos impostos sobre as exportações do agronegócio e seus efeitos no comportamento da economia. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p. 637-658, jul./set. 2003.

SCATOLIN, F. D.; MEIRELLES, J. G. P.; PAULA, N. M. de. **Arranjo produtivo local: o caso da soja**. Rio de Janeiro: BNDES, 2000. (Nota técnica 17). Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/notatec/ntec17.pdf>>. Acesso em: out. 2005.

VICENTE, J. R. et al. (2004). **Balança comercial do agronegócio paulista em 2004**. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/icomex.htm>>. Acesso em: 3 maio 2005.

VIDOR, G. (2004). **Miriam Leitão - em ritmo de 5%**. Disponível em: <<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=148316>>. Acesso em: 31 maio 2005.

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ÓLEO DE SOJA POR PORTOS DE EMBARQUE E ESTADOS DE ORIGEM, 1996 A 2004

RESUMO: O artigo analisa a evolução das exportações brasileiras de óleo de soja, segundo os países de destino, portos de embarque e estados de origem de 1996 a 2004. China, Irã e Índia foram os maiores importadores, os quais responderam por 70% do valor das exportações em 2004. Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul foram os principais Estados exportadores, responsáveis por 87% dos US\$1,38 bilhão exportados em 2004. Verifica-se a influência do sistema tributário, das alterações nas demandas interna e internacional de soja e derivados e das características da cadeia produtiva sobre as exportações de óleo de soja. Consta-se o crescimento das exportações do Centro-Oeste, como reflexo da transferência das indústrias para a Região. Os portos de Paranaguá, Rio Grande e São Francisco do Sul foram os mais importantes terminais de embarque, com o equivalente a 93% da movimentação. A evolução das exportações foi influenciada, principalmente, pela demanda chinesa.

Palavras-chave: óleo de soja, exportações, comércio exterior.

EVOLUTION OF THE BRAZILIAN SOYA OIL EXPORTS BY PORT OF SHIPMENT AND STATE OF ORIGIN, 1996 TO 2004

ABSTRACT: The article analyzes the evolution of Brazilian soya oil exports, according to destination countries, port of shipment and states of origin over 1996-2004. China, Iran and India were the largest importers, answering for 70% of the exports value in 2004. Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul and Mato Grosso do Sul were the main exporting states, responsible for 87% of the 1.38 billion dollars exported in 2004. Influences on soya oil exports performance include: the taxation system, the alterations in domestic and international demands for soya and derivatives and the characteristics of the production chain. Exports from the Center-west increased, as reflex of the transfer of the industries to that region. The ports of Paranaguá, Rio Grande and São Francisco do Sul were the most important shipment terminals, accounting for 93% of the movement of goods. The volume of soya oil exports was mainly influenced by the Chinese demand.

Key-words: soya oil, exports, foreign trade.

Recebido em 11/10/2005. Liberado para publicação em 29/11/2005.